



tomado de Husserl, no entender de Sartre, purifica a consciência de todos os seus *conteúdos*, fazendo dela uma relação direta e *não cognitiva* com as coisas, ou melhor, com o mundo, e, acima de tudo, afirmando a sua *irreflexibilidade* primeira, ou seja, o caráter não reflexivo de sua relação primordial com o mundo. Dessa forma, a consciência, além de não ter conteúdo algum, está totalmente voltada para fora, para o mundo, não tendo também primeiramente consigo mesma nenhuma relação de conhecimento. Aqui é preciso, a meu ver, deixar claro o vocabulário sartriano. Para Sartre, uma consciência não é nunca inconsciente, seria até uma contradição que o fosse, ela é o tempo todo consciente de si, sendo isso a lei mesma de sua existência, mas ser consciente não pode ser confundido de forma alguma com ter conhecimento, o que ele expressa dizendo que a consciência é consciência sempre de alguma coisa e, *ao mesmo tempo*, consciência não tética (de) si; este último *de*, que ele coloca entre parênteses, só permanecendo aí por uma exigência da gramática. Dessa forma, Sartre acaba também com uma das figuras principais do substancialismo: a dualidade entre interior e exterior.

Pode-se começar a entender por aqui porque essa consciência “não é sujeito”: existindo da maneira que descrevemos acima, o ser da consciência coincide com seu aparecer, ou seja, ao contrário do objeto que aparece à consciência que é captado por perfis, a consciência é, como denomina Sartre, *translúcida* porque sempre consciente de si, porque ela é um nada; ou seja, cada momento da consciência é apreendido de uma só vez, não fica nada obscuro na consciência.

Mesmo mantendo esse caráter essencial que permite que possamos afirmar para os dois textos a inexistência de um sujeito substancial, muitas coisas mudam de um texto para o outro, mudanças que se dão em torno de uma mudança de perspectiva em relação à fenomenologia, e o conseqüente afastamento de Husserl, que não tematizarei aqui, e que só cito para justificar a emergência de nossos conceitos em *O Ser e o Nada*. Mudanças que acredito serem responsáveis pelo já citado aparecimento do termo sujeito nesta última obra, por exemplo. Luiz Damon Santos Moutinho, na conclusão de sua tese de mestrado, que trata da transformação da obra sartriana neste período, escreve sobre isso: “Evidentemente, há uma distância longa que deve ser superada; em *Essai*, trata-se de uma consciência instantânea; em *L'Être e Neant*, a nadificação implica em

‘dispersão de si’, o que significa, entre outras coisas, ser temporal, tridimensional no tempo.”<sup>6</sup>

Entendo, então, que no primeiro texto, *A Transcendência do Ego*, a consciência aparece em contraposição clara a um sujeito caracterizado pelo Eu, ou melhor, pelo Ego (este último é caracterizado por Sartre como a junção das funções gramaticais de “Je”, “Eu”, e “Moi”, “Mim”), que é o objeto da psicologia, sendo, então, esta consciência essencialmente impessoal. Assim, esse Ego seria, antes de tudo, um transcendente, um objeto *para* a consciência, pois se daria por “facetas”. Tal objeto, no entanto, ao contrário do objeto espaço-temporal, só aparece à *reflexão*, e mesmo assim a um tipo de reflexão, a reflexão impura, pois para Sartre é possível também uma reflexão pura, desprovida de Ego e mais fiel à realidade da consciência. Essa unidade do Ego é que se opõe inteiramente àquela unidade imanente disponível à fenomenologia, que se dá neste momento da obra sartriana pelo “fluxo de consciência” husserliano, que faz com que a consciência presente retenha seu passado e assim por diante.

Portanto, é a própria reflexão que *engendra* um Ego criador de estados e ações inexistentes na consciência pré-reflexiva e que estende seus direitos de atuação para além do efetivamente vivido. Ou, em outras palavras, é essa reflexão impura que *cria* a ilusão substancialista de um sujeito com qualidades (que, para Sartre é a unidade dos estados) e interioridade que age e sente a partir desse pressuposto já dado. É por isso que Sartre diz na *Transcendência do Ego* que “é em termos exclusivamente mágicos que se deve falar das relações do eu com a consciência”<sup>7</sup>, eles são coisas completamente diferentes.

A mudança de perspectiva dessa obra para *O Ser e o Nada* tem como um de seus pontos fundamentais o fato de que neste último texto, Sartre empreenderá uma “ontologia fenomenológica”, na qual a realidade será dividida em dois “tipos” de ser, o ser-em-si e o ser-para-si, que se diferenciam pela presença do nada no segundo deles. Esse nada que se insere no seio do ser será responsável por uma mudança radical da estrutura do ser, pois se o ser-em-si é definido pela identidade, ele “é o que é”, o ser-para-si será definido como o *não idêntico*, como o contraditório, o ser que “é o que não é e não é o que é”; o que comprova a que distância estamos daquele sujeito da filosofia clássica.

Vemos também que, se na *Transcendência do Ego* de alguma forma podia-se dizer que a consciência era nada, em *O Ser e o Nada* a

consciência é a consequência da inserção do nada no ser, ou melhor, a consciência *nadifica* o ser, já que o nada, não sendo, não pode se nadificar a si próprio. Assim, entendo que o ser-para-si, resultante da nadificação, é chamado por Sartre de sujeito, mas espero ter deixado claro que ele é a consciência, que na perspectiva de uma ontologia se modificará um pouco.

Uma primeira modificação importante para meu propósito é aquela apontada por Damon na citação que fizemos de sua tese, a noção de temporalidade que Sartre possui aqui. Damon opunha uma consciência instantânea no primeiro texto à uma tridimensionalidade no tempo no segundo. Acredito que possamos mostrar essa diferença a propósito do modo como é entendida a ação nos dois textos.

Na *Transcendência do Ego* a ação será uma das produções do Ego, e isso lá se justifica mostrando que a ação também é transcendente. E é transcendente porque “não é simplesmente a unidade noemática de uma corrente de consciência: é também uma realização concreta” mais ainda porque ela “pede tempo para se consumir”, “tem articulações, momentos” e “A esses momentos correspondem consciências concretas ativas e a reflexão que se dirige sobre as consciências apreende a ação total, numa intuição que a dá como unidade transcendente das consciências ativas”<sup>8</sup>

Ora, em *O Ser e o Nada* a ação, assim como a temporalidade em que está inscrita, é *intencional*, mais ainda, a ação será intencional por ser temporal. Para Sartre, para se efetuar uma ação é preciso motivos e um fim e é por causa desse fim que ela pode ser chamada intencional, que aqui coincide com finalista. Ou seja, a consciência intencional também significa consciência projetada para o futuro, mas esse projeto para o futuro não exclui o passado. Como já dissemos, Sartre não exclui os motivos de uma ação, mas tais motivos só são possíveis em vistas de um fim já determinado. A ação se dará assim, para ele, de maneira inversa a como ela se dá para os deterministas: não há primeiro motivos absolutos que levariam inevitavelmente, ou causariam, uma ação que alcançaria um fim, ao contrário, primeiramente há um fim em vista do qual o motivo da ação é determinado. É assim, inclusive, que aparece o tema da liberdade na obra sartriana. A consciência, por ser nada, está de certa forma banida do mundo, não pode estar inscrita em suas relações causais.

Aquela indefinição do sujeito, o nada que o separa dele mesmo, é que Sartre chama de liberdade. Kail diz: “A liberdade não poderia mais ser desde então uma *qualidade do sujeito*”<sup>9</sup>, pois o s ujeito primeiramente não

tem qualidade alguma, nem a título de ser humano, pois supor uma natureza humana seria já determinar cada indivíduo da espécie, cada consciência. A liberdade a que estamos condenados é esta indeterminação que faz com que seja necessário que nos escolhamos e que sejamos responsáveis por isso.

Com efeito, nem o passado, que é a única “dimensão” temporal que de alguma forma dá o ser da consciência, pois tudo que posso dizer que sou pertence ao passado, nem a situação que é a condição dada em que a consciência é lançada no mundo serão limitantes dessa liberdade, pois é a consciência que escolherá o *sentido* deles. Uma consciência que primeiramente nada é, e é lançada no mundo, “interpreta” tal mundo, por exemplo, como resistente ou favorável a seus fins, o mundo não tem um sentido por ele mesmo, aliás ele só é constituído como mundo pela consciência.

Uma apresentação sucinta do que mostrei até aqui pode ser encontrada em um texto posterior ao *Ser e o Nada*, que mantém de maneira geral as teses presentes neste, *O existencialismo é um humanismo*<sup>10</sup> Neste texto, Sartre caracteriza o modo de ser do sujeito no existencialismo pela fórmula “a existência precede a essência”, explicando a significação de tal “fórmula” assim: “Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber. O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais que o que ele faz”<sup>11</sup>

Mas há um outro conceito primordial presente aí para definir a consciência, o conceito de projeto. Esse “fazer-se” pode ser identificado com um projetar-se, sendo o projeto que faço de mim mesmo o *sentido* das minhas ações.

Assim, pode parecer que o projeto, sendo o sentido das minhas ações, e, de certa forma, uma unidade que subjaz as ações, retornamos em *O Ser e o Nada* àquilo que era negado junto com o Ego em *A transcendência do Ego*, mas isso não ocorre. Não ocorre porque o projeto não é transcendente, o projeto é imanente, ele é o sentido das minhas ações, mas não é nem anterior nem posterior a elas no tempo, ele é o sentido no



---

<sup>6</sup> *Op. cit.*, p.177

<sup>7</sup> *Op. cit.*, p.63

<sup>8</sup> *Op. cit.*, p.63

<sup>9</sup> *Op. cit.*, p.347

<sup>10</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução e notas de Vergílio Ferreira, in Coleção *Os Pensadores*. (publicado em 1946)

<sup>11</sup> *Op. cit.*, p.12

<sup>12</sup> *Idem, ibidem.*, p.12